

FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATU SENSU*
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E
DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

MAYARA ELIAS DE JESUS COSTA

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM MOITA BONITA/SE:
VISÕES E PERSPECTIVAS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO
BÁSICA.**

Aracaju (SE), 07 de janeiro de 2017

MAYARA ELIAS DE JESUS COSTA

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM MOITA BONITA/SE:
VISÕES E PERSPECTIVAS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Pós –Graduação e
Extensão – NGPE, da Faculdade de Administração de Negócios de Sergipe –
FANESE, como requisito para a obtenção do Título de Especialista em Ensino de
Língua Portuguesa e Diversidade Linguística.**

Prof. Me. Cezar Alexandre Neri Santos

Orientador

Profa. Ma. Mônica Soares

Coordenadora de Curso

Aluna: Mayara Elias de Jesus Costa

Aprovada com média _____

Aracaju - SE, 07 de janeiro de 2017

RESUMO

O ensino da Língua Portuguesa, doravante LP, tem sofrido críticas quanto à eficácia de seu processo ensino/aprendizagem por ainda estar pautado, em sua maior parte, na prescrição da norma linguística. Por isto, o presente trabalho consiste em descrever e analisar as crenças e percepções do ensino da LP por alunos do Ensino Fundamental II da cidade de Moita Bonita/SE à luz de alguns conceitos da Análise do Discurso, a cuja área este trabalho está circunscrito, tais como a formação ideológica, a formação imaginária e a memória discursiva. Faremos isso por meio de entrevistas semiestruturadas e uma análise de natureza quali-quantitativa, realizada junto a vinte e cinco discentes das redes estadual e municipal. Utilizamos a História da Linguagem, no que diz respeito ao estudo das Gramáticas no Ocidente, cujos postulados estão baseados em Kristeva (2007) e Álvares e Sousa (2015); a institucionalização e a legitimação da língua, à luz de Bourdieu (1996); a disciplina e a sociedade disciplinar, de acordo com Foucault (2007; 2009); o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, conforme Oliveira (2014), Bechara (2007), Geraldi (2015) e Orlandi (2001; 2002). Assim, discutimos o jogo de imagens que os alunos fazem de si, do outro e do ensino-aprendizagem dessa disciplina. Com efeito, analisamos discursivamente as memórias discursivas dos alunos e como elas podem interferir no ensino da LP, haja vista a imiscuição entre o ensino dessa língua e o da gramática normativa. No mais, constatamos que o ensino da LP na cidade de Moita Bonita, segundo a visão de alunos da educação básica, está centrado no uso e/ou na busca da língua em sua forma prescritivo-normativa.

Palavras-chave: Ensino. Língua Portuguesa. Análise do Discurso. Memória discursiva.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	6
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	10
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....	13
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	19
ABSTRACT.....	20
APÊNDICE.....	21
APÊNDICE A.....	21

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em descrever e analisar as crenças e percepções do ensino-aprendizagem da LP sob a ótica de alunos do Ensino Fundamental II das redes estadual e municipal da cidade de Moita Bonita/SE à luz de alguns conceitos da Análise do Discurso, a cuja área este trabalho está circunscrito, tais como formação ideológica, formação imaginária e memória discursiva. Problematicam-se como o ensino de Língua Materna é visto por estes estudantes e quais são suas dificuldades e as necessidades para um aprendizado efetivo da LP.

Especificamente, pretende-se avaliar discursivamente a imagem que os estudantes fazem do estudo da LP a partir de entrevistas semiestruturadas, bem como verificar, numa perspectiva discursiva, qual a imagem que os alunos fazem do ensino da LP. Além disso, espera-se discutir a(s) imagem(ns) construídas sobre o ensino de LP e como esta(s) interfere(m) no processo de ensino-aprendizagem da Língua Materna.

Justifica-se a relevância deste trabalho pelo fato de o ensino de LP apresentar índices de fracasso, visto que muitos alunos avaliam/estereotipam esta disciplina escolar como difícil, chata e até mesmo incompreensível. Tem-se também como motivação o intuito de se observar/estudar como se encontra, na realidade, o processo de ensino-aprendizagem da LP no município em questão. Em suma, busca-se analisar: qual a imagem que o estudante faz da Língua Portuguesa e do seu ensino; qual a imagem que o estudante faz de si e qual a imagem que o estudante faz do professor.

No presente trabalho, analisam-se o *corpus* coletado – respostas de questionários aplicados a 25 (vinte e cinco) estudantes do ensino fundamental maior normal em turmas de 7º, 8º e 9º anos do município de Moita Bonita/SE. Estes questionários foram aplicados em dia e horários marcados com os professores das turmas escolhidas. A coleta foi feita durante três dias e assim distribuída: cinco questionários aplicados a estudantes de uma escola da rede estadual; situada no município mencionado; os outros vinte questionários, aplicados a estudantes da rede municipal de ensino. A escolha das escolas e das turmas foi feita de modo aleatório, o qual era proposital para a pesquisa.

De posse dos questionários, fez-se a catalogação dos dados coletados com os devidos cálculos e analisando os questionários discursivamente, à luz do arcabouço teórico estudado, sendo a pesquisa de natureza quali-quantitativa. Enfim, busca-se estudos que possam se referir a história da linguagem, às gramáticas, ao ensino de LP e aos conceitos da Análise do Discurso de linha francesa. Com esse recorte teórico,

avaliam-se as respostas dos questionários e, com isso, tenta-se contribuir para o ensino-aprendizagem da LP no *locus* investigado.

2 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

O ensino de LP vem sendo discutido em várias pesquisas acadêmicas desde, no mínimo, a década de 1970. Essa disciplina tem apresentado índices de fracasso, sobretudo no que se refere à produção escrita dos alunos e pelo desinteresse por parte destes nas aulas dessa disciplina. Os discentes têm muita dificuldade em estudar a língua materna no que se refere, por exemplo, a conteúdos gramaticais e a compreensão e produção textual.

Nessa perspectiva, investiga-se a posição dos alunos, a fim de se arquitetar tentativas de soluções para que se tenha uma aprendizagem efetiva da Língua Portuguesa. Por isso, “entende-se que os depoimentos dos alunos são de grande valia para compor o conjunto de características da política linguística na educação básica, sobretudo porque esses alunos são os que mais sofrem as consequências dessa política” (OLIVEIRA, 2014).

Muitos educandos consideram a LP ensinada na escola difícil e até mesmo incompreensível. Na maioria das vezes, o conteúdo gramatical é o mais trabalhado nas aulas de LP. Nesse contexto, alguns estudos e até mesmo depoimentos de professores corroboram que o conteúdo gramatical é o mais adequado às condições escolares de transmissão da LP, pois é o que leva ao aluno conceber a língua na sua forma “correta”. Como aponta Alvares e Sousa (2015), “A gramática surge em um contexto de imposição e reconhecimento da legitimidade hegemônica da língua da coroa portuguesa”. Kristeva (2007), ao falar acerca dos Humanistas e gramáticos do Renascimento, postula que foi durante os séculos XIV e XVI que a linguagem define-se como uma necessidade didática.

Como dito, este trabalho está circunscrito à Análise do Discurso e utiliza-se de conceitos como, a formação imaginária, a formação ideológica e a memória discursiva. A Análise do discurso, apesar de estar vinculada à língua e à gramática, não trabalha especificamente com essas categorias, mas com o próprio discurso. Orlandi (2002, p. 15) assim define o discurso como “[...] palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. O analista do discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade, ou seja, ao contexto dos sujeitos analisados, trabalhando a relação língua - discurso - ideologia. O discurso é definido como efeito de sentidos entre locutores. Esses sentidos são construídos a partir do movimento histórico concebido e do interpretável, ou seja, da atribuição de sentido (ORLANDI, 2002).

A memória discursiva, conforme Orlandi (2002, p. 31), é “[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. O já-dito e esquecido constitui o interdiscurso, o que fora falado antes. O seu antônimo é denominado intradiscurso, ou seja, o discurso da atualidade.

Com relação à produção dos discursos, esta depende de alguns fatores, um deles, consoante Orlandi (2002), diz respeito à relação de sentido que corresponde a um discurso sempre referir-se a outros discursos e que vão se sustentando em dizeres futuros. Outra relação estudada por Orlandi (2002) é a de força, que se refere ao lugar, à posição de onde o sujeito enuncia. Além das relações de força, consideram-se as formações imaginárias, que correspondem ao jogo de imagens presidido entre os sujeitos, no momento da enunciação ou anterior a ele. No que se refere às formações imaginárias, Orlandi (2002) argumenta:

Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições. E isto se faz de tal modo que o que funciona no discurso não é o operário visto empiricamente mas o operário enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias. (ORLANDI, 2002, p. 40).

Entendemos que esse conceito nos é muito caro, haja vista o nosso objeto de estudos relacionar-se ao jogo de imagens que o aluno constroeu de si, do outro, da língua. Trazemos, então, à baila, os postulados de Orlandi (2002, p. 42) sobre esse conceito:

[...] o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder.

Para entender melhor as relações de poder, lançamos mão do conceito de Formação Discursiva (doravante FD). Como bem define Orlandi (2002, p. 43): “[...] se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. Os sentidos, por seu turno, são determinados a partir da formação ideológica e da formação discursiva. No que concerne à ideologia, ela “[...] faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. (ORLANDI, 2002, p. 46). Nesse sentido, o sujeito, psicologicamente falando, é materialmente dividido. Ele é sujeito de e é sujeito à. É submetido à língua e à história, além de ser influenciado também pela posição que ocupa. Sua forma histórica é composta por uma contradição: é, ao mesmo tempo, livre e submisso. O sujeito é movido pela língua, pelo mundo e pela memória discursiva.

Finalmente, reiteramos o postulado de Orlandi (2002, p. 59): “A Análise de Discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica”. Ou seja, o que se pode conceber através das conjunturas e das circunstâncias, as quais os sujeitos são inseridos.

Seguindo essa trilha, traz-se o ponto de vista de Foucault (2007; 2009) no que se refere à disciplina. Em *Vigiar e Punir*, esse autor discute as relações de poder instituídas na escola. Por seu turno, em *A ordem do discurso*, Foucault (2007) trabalha a questão da disciplina como um princípio de controle da produção do discurso por meio dos sujeitos da educação: professor/aluno. Por isso, decorre daí a necessidade de compreendermos as raízes do estabelecimento da LP na escola e como o ensino de LP vem sendo institucionalmente imposto.

Conforme Bechara (2007, p.24), a aula de Língua Portuguesa é a que abre o maior espaço para que os alunos tenham acesso à *cultura integral*. Esta se configura na medida em que o sujeito consegue compreender e produzir quaisquer textos, seja oral ou escrito, nas circunstâncias em que ele for submetido. De acordo ainda com esse autor,

cabe ao professor de LP ministrar a seus alunos conteúdos capazes de levá-los à compreensão do mundo que o cerca, nos mais variados campos de saber.

Destarte, tenta-se analisar o que pode ser ensinado nas aulas de Língua Portuguesa. Nessa perspectiva, é importante considerar os conhecimentos prévios dos alunos. Nessa perspectiva, Geraldi (2015) afirma que há que compreender que os alunos já chegam à escola sabendo falar, escutar e compreender o que ouvem. Por isso, todo e qualquer conhecimento que o discente trazer para o âmbito escolar deve ser valorizado, para que este não se sinta frustrado e/ou inferiorizado, por exemplo, numa situação discursiva entre a turma e o professor.

No próximo tópico, analisamos discursivamente os *corpora* coletados, a fim de efetivarmos nossa pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção consiste em uma abordagem dos *corpora* coletados em escolas públicas da cidade de Moita Bonita, agreste de Sergipe. Temos como informantes vinte e cinco alunos da educação básica do município citado. Os informantes são do Ensino Fundamental II de escolas das redes estadual e municipal. A partir dos questionários aplicados, fizemos a catalogação dos dados e, em seguida, analisamos discursivamente as respostas aos questionários. Situamos os sujeitos analisados, a fim de entendermos melhor a posição de onde eles falam, estabelecendo a relação entre a teoria e a prática e analisando discursivamente as respostas dos sujeitos pesquisados.

Não mencionamos os nomes dos sujeitos pesquisados a fim de salvaguardar suas identidades. Os questionários foram aplicados em horários pré-estabelecidos com os professores das turmas e os seus respectivos alunos. Ninguém rejeitou a nossa solicitação em responder aos questionários, pelo contrário, muitos gostaram de ajudar numa pesquisa para um trabalho universitário.

Situamos os sujeitos informantes, observando as suas respostas no que se refere ao *Perfil do informante*, para entendermos melhor a posição discursiva de onde eles falam. Apresentamos a situação dos estudantes pesquisados.

A maioria dos estudantes pesquisados é do sexo feminino – 80% dos discentes eram mulheres e 20%, homens. Ressaltamos que isso aconteceu de forma aleatória. Abaixo, explicitamos outras características:

□ **A faixa etária desses alunos é de 11 a 16 anos.** Havia 3 com 11 anos (12%); 4 com 12 anos (16%); 6 com 13 anos (24%); 8 com 14 anos (32%); 3 com 15 anos (12%); 1 com 16 anos (4%).

Foram pesquisados estudantes de dois 7º anos, totalizando 10 estudantes; um 8º ano, 5 estudantes; dois 9º anos, 10 estudantes. Por isso, há variações de idades, além de alguns alunos serem repetentes. Como afirmado anteriormente, 5 (cinco) alunos são da rede estadual e 20 (vinte), da municipal. Isso porque o acesso aos professores e aos alunos desta última rede foi mais fácil pelo fato de os docentes das turmas pesquisadas aceitarem “melhor” a conceder ajuda ao nosso trabalho.

□ **O índice de reprovação** foi considerado médio: 68% responderam que nunca reprovaram, enquanto 32% declararam que já reprovaram. As

disciplinas citadas como reprovadas foram: Matemática, 5 alunos; Redação, 2 alunos; História, 1 aluno. Isso revela quais as disciplinas consideradas mais difíceis pelos estudantes.

□ Com relação ao **tempo de estudo na instituição** onde o discente estuda, 4% deles responderam que há 2 anos estudam na referida instituição; 4%, há 3 anos; 32%, há 4 anos; 24%, há 5 anos; 16%, há 6 anos; 12%, há 7 anos; 4%, há 8 anos; 4%, há 9. Essa variação de tempo de estudo na instituição pode ser explicada ora pela variedade de séries pesquisadas, ora pela faixa etária dos alunos, ora pelo índice de reprovação deles. Se essa permanência diz respeito à variedade das séries pesquisadas, entendemos que ela é importante, haja vista o estabelecimento de relações de afetividade entre estudantes e professores.

Quanto às etapas da pesquisa, Orlandi (2002) ressalta que, em resumo, a pesquisa se dá quando se “passa da superfície linguística (*corpus* bruto, textos) para o objeto discursivo e deste para o processo discursivo”. O objeto coletado passa, primeiramente, por uma análise superficial, a qual Orlandi (2002) chama de “de-superficialização”: “[...] o como se diz, o quem diz, em que circunstâncias etc” (ORLANDI, 2002, p. 65). Dada a importância de se trabalhar da superfície do texto a sua de-superficialização”, Orlandi (2002, p. 66-67) sugere a seguinte organização:

Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do *corpus*, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise de discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta do *corpus* e análise.

Ainda no que se refere ao processo de análise, à passagem do objeto para o processo discursivo, Orlandi (2002) chama a atenção sobre a necessidade de observarmos a relação entre sujeito, FD, FI e a produção de sentidos. Para

efetuarmos a nossa pesquisa, obedecemos a sequência exposta abaixo como fases da pesquisa:

- Revisão bibliográfica;
- Seleção dos sujeitos investigados: estudantes do ensino fundamental maior da rede pública de ensino. Foram consultados vinte e cinco alunos das redes municipal e estadual;
- Aplicação dos questionários para os estudantes;
- Catalogação dos dados coletados;

- Análise discursiva dos questionários.

Para analisarmos discursivamente os *corpora*, utilizamos os conceitos da AD, enquanto categorias de análise: Formação Discursiva, Formação Ideológica, Formação Imaginária, memória discursiva e sentido.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

Analizamos as respostas a seguir, as quais encontram-se no item *Opinião do informante* do questionário.

1) Para você, o que é aprender a Língua Portuguesa?

Aprender a ler, escrever e falar corretamente/ Lidar com as regras da língua	64%
Conhecer o país em que vivemos, a nossa origem, o nosso idioma	12%
Interessante, mas complicada	4%
Interpretar textos.	8%
Fundamental para a nossa vida	12%

Conforme as respostas, constatamos o discurso do uso da língua *legítima*, postulado por Bourdieu (1996) a partir do qual o uso da língua padrão é legítimo e legitimado socialmente. Decorre daí que a maioria dos estudantes (64%) revelou que aprender a LP é aprender os aspectos normativos e estruturais da língua, o exercício das regras no oral e no escrito (*escrever e falar corretamente*). Essa perspectiva de língua é tratada como única, principalmente no que concerne ao trabalho da escola. Ainda segundo Bourdieu (1996, p. 49), “[...] o uso correto da língua é o produto de uma competência que constitui uma gramática incorporada”. Essa *gramática incorporada* pode ser adquirida em duas vias: a partir do convívio familiar, principalmente quando o estudante está inserido em uma classe socioeconomicamente prestigiada; a partir dos ensinamentos na escola.

Nestas instituições, há muito mais a preocupação do reconhecimento da língua legítima do que com seu uso efetivo. Com efeito, alguns estudantes não incorporam essa gramática que Bourdieu menciona. Consequentemente, outros alunos (4%) a consideram complicada.

Esses estudantes reiteram, então, um discurso presente em quase toda a sociedade, segundo o qual é importante falar/escrever *corretamente*. Em se tratando da escola, os professores de LP são os responsáveis pela transmissão desses saberes; os alunos, por sua vez, devem repetir as verdades concernentes à disciplina LP. A partir desse entendimento, retomamos a questão da disciplina que pode ser tratada como um princípio de controle, de coerção dos discursos (FOUCAULT, 2009). aos quais os

estudantes são “submetidos” a incorporar conhecimentos, às vezes de forma “impositiva”.

Quanto às outras respostas, *conhecer o país em que vivemos, a nossa origem, o nosso idioma* (12%); *interpretar textos* (8%); *fundamental para a nossa vida* (12%), consideramos que elas igualmente reiteram os discursos em circulação, os quais estão pautados no ideal de língua e cidadania; na importância da leitura/interpretação de textos. Entendemos ainda que os estudantes que remetem a LP à sua origem, ao país em que vivemos, deixam perpassar discursos relacionados à institucionalização da LP no Brasil.

2) O que você estuda nas aulas de Língua Portuguesa?

Gramática, Leitura, Produção e Interpretação de texto	28%
Somente gramática	56%
Leitura, Produção e Interpretação de Texto	16%

A gramática normativa foi apontada como a principal fonte de estudo dos alunos pesquisados. Assim como nas respostas anteriores, depreendemos que a imagem da aula de português ainda se apoia no estudo dos aspectos prescritivos e normativos da língua.

A leitura, a produção e interpretação de texto foram marcadas também como atividades desenvolvidas nas aulas de LP. No entanto, não podemos afirmar a que perspectiva de leitura, interpretação e produção esses alunos se referem. Entendemos que, assim como o ensino ainda se mostra vinculado ao ideal da prescrição, a leitura/interpretação/produção se encontra igualmente fundamentada na perspectiva estruturalista, em busca de um sentido predeterminado, um texto modelar. Essa compreensão decorre do fato de entendermos que esses estudantes falam a partir desse lugar, o da prescrição.

3) Você gosta de estudar Língua Portuguesa?

Sim	64%
Não	12%
Mais ou menos	24%

CAUSAS

- ☐ É importante, mas não me identifico com a matéria;
- ☐ É ela que nos ensina a falar e escrever corretamente;
- ☐ É complicada, chata, possui muitas regras;
- ☐ É fundamental para não passarmos vergonha, com ela aprendemos coisas novas;
- ☐ Não me identifico com a disciplina, não gosto de ler

Inicialmente, é importante mencionarmos que depreendemos que essas respostas dialogam com as duas anteriores. A LP foi caracterizada tanto com aspectos positivos quanto negativos (apesar de os alunos afirmarem que gostam de estudar essa disciplina). Isso confirma o estereótipo presente na sociedade acerca desse estudo: disciplina chata, complicada, difícil, cheia de regras, porém entendida como muito importante para a vida estudantil. Dessa maneira, o estudo da LP é tachado como fundamental, base para quaisquer conhecimentos apesar de os alunos afirmarem encontrar muitas dificuldades nesse trabalho.

A maioria dos estudantes afirma gostar de estudar a LP, mas entendemos que esse *gostar* tem a ver com os discursos em circulação, segundo os quais *é importante saber ler e escrever (corretamente)*. Além disso, como mencionado anteriormente, esses sujeitos são o resultado de uma política do Estado – a qual, por exemplo, impõe as instituições de ensino uma grade curricular a ser seguida – com vistas à inculcação de uma afinidade entre os sujeitos falantes e a língua que eles falam. Como bem afirma Orlandi (2001, p. 23): “A ação do Estado se faz sentir pela prática colonizadora em geral, mas mais precisamente pela imposição do ensino da língua portuguesa na escola.”. Acrescentamos o argumento de Bourdieu (1996), segundo o qual esses discentes repetem um discurso obedecendo às regras de uma polícia discursiva, reativado em cada um de seus discursos.

4) Como você avalia o seu professor de Português?

Ótimo	36%
Bom	52%
Regular	12%

5) Por que você o avalia dessa forma?

Porque em alguns dias ele está de mau humor, estressado, assusta o aluno	8%
Porque ele traz uma aula animada e ensina bem, é paciente	12%
Porque ele explica bem os conteúdos/ Gosto do método de ensino dele	68%
Porque ele não ensina bem e/ou nada	8%
Porque ele nos ensina a falar e escrever e também nos educa e nos dá conselhos	4%

As respostas das questões 4 (quatro) e 5 (cinco) referem-se a como os alunos avaliam seus professores de LP e a justificativa das respectivas respostas. Como podemos notar, há múltiplas justificativas, porém a mais frequente foi a que o professor de LP explica bem os conteúdos e os alunos gostam do “método” de ensino dele. Apesar de podermos perceber uma imagem positiva do professor, entendemos que essas vozes constituem um eco do discurso, segundo o qual *a gramática é a arte de ler e escrever corretamente*. Igualmente entendemos que o ensino prescritivo da língua é legitimado pelos estudantes. Com efeito, os referidos professores devem corresponder a esse ideal de ensino de língua.

Dessas respostas, depreendemos ainda uma imagem de professor como detentor do saber, partícipe de uma sociedade de discurso. Reiteramos aqui também o conceito de *Formações Discursivas* (ORLANDI, 2002), as quais determinam o que pode e deve ser dito de acordo com as circunstâncias em que os sujeitos falantes se encontram. Isso porque os alunos podem estar se policiando ao falarem de seus professores ou também estarem afetados pela *memória discursiva*, a qual nos faz repetir discursos já proferidos. Isso acontece devido à valorização do uso exclusivo da prescrição da norma, o qual é almejado pela sociedade, pois é também um atributo de *status* dentro de quaisquer ambientes, aos quais temos acesso e a partir dos quais nos relacionamos.

Entendemos ainda que esses estudantes estão submetidos ao processo de disciplinarização, consoante Foucault (2009). Esse processo “domestica” os sujeitos, deixando-os submissos a comando de quem detém o poder. Isso ocorre por meio de direções concretizadas “[...] sem consciência nem coerção, por força de disposições constituídas igualmente fora da consciência e da coerção, apesar de serem indiscutivelmente o produto de determinismos sociais” (FOUCAULT, 2009, p. 38). Consequentemente, os estudantes fazem parte de uma sociedade disciplinar que, segundo Foucault (2009), é composta por sujeitos submetidos à vigilância e ao controle.

Com efeito, compreendemos que esses indivíduos são também interpelados pela ideologia e regidos por relações de poder no que diz respeito à construção de imagens.

6) Para você, o que significa saber escrever um bom texto?

Saber escrever corretamente/ Ter coerência e coesão	60%
Saber argumentar bem/ Conhecer o que se passa	36%
Que durante a vida o que estou aprendendo está servindo	4%

Essa questão revelou que os estudantes preocupam-se essencialmente com os aspectos estruturais e normativos da língua na elaboração de um texto. Esse discurso é reiterado a partir da sociedade, do sistema de ensino, da escola e do professor, pois este repassa para os alunos um modelo de texto a ser seguido. Estes, por sua vez, são orientados a elaborarem textos de acordo com a “forma” imposta pelo sistema de ensino e conseqüentemente, pelo professor. Em virtude disso, flui uma circularidade discursiva por meio de uma relação de força instituída socialmente e por sua vez, protagonizadas pelos principais sujeitos da educação: professor e aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreendemos que os alunos são afetados pela ideologia, pelo contexto histórico, pela formação discursiva a partir da qual proferem seus discursos e pela memória discursiva. Os discentes reiteram o discurso de que o ensino/estudo da LP é pautado na gramática normativa.

No que se refere à imagem que os alunos fazem do docente de LP, verificamos que estes elevam a figura dos seus professores. Estes são vistos pelos estudantes como sujeitos responsáveis pelo ensino do uso *correto* da língua. Os alunos conservam um discurso presente em toda a sociedade, no que se refere ao processo de ensino/aprendizagem da LP. Os estudantes pesquisados se autodeclararam como partícipes na busca por esse “uso correto” da língua.

Com relação à imagem que eles constroem acerca do ensino/estudo da língua, afirmam ser um trabalho chato e difícil, porém de suma importância. Dessa forma, confirmam tal estereótipo acerca do estudo da LP na sociedade. À luz do arcabouço teórico estudado e aos *corpora* coletados, pudemos compreender como se encontra a situação do ensino da LP na cidade de Moita Bonita/SE, segundo a visão de alunos.

No mais, depreendemos que o ensino/estudo da LP nessa localidade ainda está ancorado no uso prescritivo e estrutural da língua, na visão dos alunos pesquisados; a imagem da língua continua pautada no uso “correto” e/ou na busca dele.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Lucas Augusto Souza Pinto; SOUSA, Cleuber Cristiano. A gramática e a gramatização: o ensino da gramática e o processo de gramatização brasileiro. *Revista Ecos*, v. 19, ano 12, n.2. p.135 – 151. Cáceres, MT, 2015.

BECHARA. Evanildo. *Ensino de gramática. Opressão? Liberdade?* 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 15ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. 36. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

GERALDI, João Wanderlei. O ensino de língua portuguesa e a base nacional comum. *Revista Retratos da escola*, v. 09, n. 17, p. 381-396. Brasília, 2015.

KRISTEVA, Julia. *História da Linguagem*. Trad. Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 2007.

OLIVEIRA, Aroldo Magno de. Políticas linguísticas e ensino de linguagem na educação básica. *ENTRELETRAS*, Araguaína/TO, v. 5, n. 2, p. 212-222, ago./dez. 2014. ISSN: 2179-3948 – online.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 4ª edição, 2002.

ORLANDI, Eni Puccunelli (Org). *História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat, 2001.

ABSTRACT

The teaching of the Portuguese Language, henceforth LP, has been criticized for the effectiveness of its teaching / learning process because it is still based, for the most part, on the prescription of the linguistic norm. Therefore, the present work consists in describing and analyzing the beliefs and perceptions of LP teaching by students from elementary education II of the city of Moita Bonita / SE according to some concepts of Discourse Analysis, whose area this work is circumscribed, such as ideological formation, imaginary formation and discursive memory. We will do this through semi-structured interviews and a qualitative-quantitative analysis. We use the History of Language, in regard to the study of Grammars in the West, whose postulates are based on Kristeva (2007) and Álvares and Sousa (2015); The institutionalization and legitimation of language, according to the knowledge of Bourdieu (1996); The discipline and the disciplinary society, according to Foucault (2007, 2009); The teaching/learning process of Portuguese Language, according to Oliveira (2014), Bechara (2007), Geraldi (2015) and Orlandi (2001, 2002). Thus, we discuss the game of images that the students make of themselves, of the other and of the teaching-learning of this discipline. In fact, we analyze discursively the discursive memories of the students and how they can interfere in the teaching of the LP, given the imiscution between the teaching of this language and the one of normative grammar. In addition, we find that the teaching of LP in the city of Moita Bonita, according to the vision of students of basic education is centered on the use and / or the search of the language in its prescriptive-normative form.

Keywords: Teaching. Portuguese Language. Speech analysis. Discursive Memory.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Pesquisa da Disciplina TCC

Aluna: Mayara Elias de Jesus Costa

Prof. Orientador: Cézar Néri

Questionário – Estudantes do Ensino Fundamental

Perfil do informante

1. Sexo: () Feminino () Masculino
2. Idade: _____
3. Nome da Instituição em que estuda: _____
- 3.1 Instituição: pública () privada ()
4. Série: _____
5. Já foi reprovado? () Sim () Não
6. Se foi reprovado, em que disciplina você reprovou? _____
7. Tempo em que está nesta Escola: _____

II – Opinião do informante

1. Para você, o que é aprender a Língua Portuguesa?
 2. O que você estuda nas aulas de Língua Portuguesa?
 3. Você gosta de estudar Língua Portuguesa?
 4. Como você avalia o seu professor de Português?
- () ótimo () bom () regular () ruim
5. Por que você o avalia dessa forma?
 6. Para você, o que significa saber escrever um bom texto?